



## **Angústia de trabalhar com uma disciplina que não tenho formação**

Silvia Maria Figueiredo Sartorio  
silvinhasvinhas@hotmail.com

Núcleo Getúlio Vargas

### **1 CONTEXTO DO RELATO**

Este trabalho tem por objetivo relatar as atividades desenvolvidas com os alunos durante as atividades de Seminários Integrados, disciplina implantada nas escolas estaduais pela Secretaria de Educação do estado do Rio Grande do Sul - SEDUC, no primeiro ano do ensino médio em 2012.

As atividades, que aqui relato, foram desenvolvidas na Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas – 18ª CRE, Rio Grande e começaram a partir de maio, pois até então eu não era professora regente de seminário integrado. A princípio recebi três turmas uma em cada turno de funcionamento da escola, com realidades bem diversas. Após divergências com uma das turmas e o excesso de carga horária fiquei com a regência de duas turmas uma no turno da noite, pequena e com um único tema de pesquisa escolhido por eles que é a música e outra no turno da manhã com mais de 30 alunos e temas diversos.

Embora tenha passado por reuniões de formação ainda considero muito difícil falar de um trabalho que me angustia. Não sou professora de seminário eu estou. Não tive nenhum tipo de formação acadêmica para desenvolver este tipo de atividade. É totalmente fora do contexto de trabalho que até então desenvolvi, mas nesta busca por acertar tentei várias formas de conquistar os alunos para a realização das atividades de pesquisa.

### **2 DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES**

Participei das reuniões de formação na escola deste o início do ano, pois tínhamos como objetivo inicial dividir a regência de classe das turmas ou até mesmo ir trocando a cada trimestre de professor regente, mas nada disto estava correto e, portanto não acabou se efetivando.

A princípio em reuniões pedagógicas ficou decidido que nós professores criaríamos os projetos e, assim, criamos quatro projetos um para cada área do conhecimento que seriam trabalhados a cada dois meses. Muitos professores achavam que impor aos alunos o assunto não os incentivaria a pesquisa e que então quem tinha que escolher o tema era o aluno.

Quando assumi a regência das turmas estávamos exatamente neste ponto. Dentre as turmas que tenho regência optei por relatar aqui como foi a atividade com a turma do noturno que para mim é meu maior desafio por serem mais velhos, alguns afastados da escola há bastante tempo, já estarem no mercado de trabalho e não possuírem o hábito de leitura.

Quando me apresentei como professora de seminário integrado e comentei que era uma atividade em processo e que juntos realizaríamos o trabalho ouvi o seguinte comentário de um aluno:

“assim é fácil à senhora é quem ganha e nos que trabalhamos”



Considerarei esta frase um desafio, pois como trabalhar com este aluno a ideia de pesquisa se ele estava habituado a receber o conteúdo pronto. Procurei então através de muita conversa estimular a curiosidade deles para algum tema. Vários assuntos surgiram até o final de junho sendo em sua maioria relacionados ao mundo do trabalho. No início de julho comecei a perceber uma grande redução na frequência dos alunos, fato que prejudicava muito as atividades uma vez que quase nunca reuníamos o mesmo grupo.

Enquanto isto acontecia na sala de aula fomos informadas pela supervisora da escola que aquela ideia inicial de ter o projeto da escola era a mais viável, pois obviamente com projetos tão diversos seria quase impossível orientarmos a todos.

Neste momento me revoltei, me senti um barco a deriva sem rumo certo, pois parece que ninguém sabe exatamente o que fazer.

Retornando das férias de julho, propus dialogar com a turma sobre minhas dúvidas e angústias, escutei as deles e juntos tomamos uma decisão vamos em conjunto pesquisar a música, assunto escolhido por eles para ser o tema da turma toda, e relacionar diretamente com a disciplina de artes que eu também leciono para eles.

Ficou acordado que durante o seminário integrado trabalharemos a pesquisa e leitura do material trazido por eles e por mim para a montagem do trabalho teórico e nas aulas de artes trabalharemos a parte prática com a construção de instrumentos musicais de percussão alternativos.

Percebo que, desta forma, eles tem se mostrado mais receptivos ao trabalho e já começam a procurar material e trazem sugestões e dúvidas para serem esclarecidas em grupo. Não sei se estou no caminho certo, mas pelo menos percebo que meus alunos acolheram a ideia e compartilham comigo a possibilidade de realizá-la.

### **3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO**

Comentar as atividades realizadas parece muito difícil não por não ter sido realizadas, mas principalmente por não ter certeza de que o que estou desenvolvendo com meus alunos é 'certo ou não'.

Reclamo destes fatos não por não acreditar na necessidade de mudança no ensino médio, é óbvio que elas são extremamente necessárias, nem por querer que a proposta não de certo pelo contrário eu busco entender o objetivo desta disciplina para poder realizar um trabalho com maior qualidade.

A LDB em seu artigo 22 diz que a finalidade da educação básica é “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” e isto deve ser desenvolvido principalmente durante o ensino médio, pois uma de suas finalidades é a preparação básica para o trabalho e a cidadania e, da forma como temos trabalhado até o momento estes objetivos não eram alcançados, percebe-se que não há contextualização entre a teoria e a prática.

O governo estadual quer realizar mudança, mas não explica exatamente como pretende isto, não fica claro o que trabalhar em cada série, não há uma divisão de objetivos, não sabemos a carga horária dos próximos anos, ainda não foi explicado como deve ser a avaliação. E estas coisas deixam incertezas, angústias, dúvidas que geram intranquilidade. Sabemos da importância do professor investigador que questiona tudo o tempo todo, Rubem Alves comenta isto em seu livro *Desejo de Ensinar e A Arte de Aprender* quando cita o fato do professor ter parado de fazer indagações que levam as mudanças, mas como ele diz a seguir é o próprio sistema que acaba por sufocar os sonhos dos docentes:

*Rio Grande-RS, 18.<sup>a</sup> CRE e FURG, 17 de novembro de 2012.*



## *Cirandas: rotas de investigação desde a escola*

Eu sempre me preocupei muito com aquilo que as escolas fazem com as crianças. Agora estou me preocupando com aquilo que as escolas fazem com os professores. (ALVES, 2004, pag.17).

Considero o sistema político-educacional injusto, pois quando saímos da faculdade para o mercado de trabalho sonhamos em realizar tantas coisas com nossos alunos e aí quando chegamos à escola muitos destes sonhos tem de ser jogados fora porque a realidade é outra, temos prazos a cumprir, metas a serem alcançadas, atividades que devem ser realizadas.

Sei que poderia trabalhar tranquilamente fazendo o que eu acho certo, mas só isto não me satisfaz profissionalmente, tenho doze anos de magistério e pela primeira vez me questiono sobre o que eu estou fazendo com o meu aluno, parece que eu estou enganando fazendo de conta e não ter estes objetivos claros e a forma que devem ser realizadas estas atividades só aumentam esta sensação.

O governo não nos proporciona condições mínimas de trabalho digno e nos traz várias cobranças. O professor fica cada vez mais sobrecarregado de culpas que lhe são impostas. Trabalho em uma escola que esta com o prédio completamente comprometido, onde chove em algumas salas de aula, não há refeitório e os banheiros são precários e aí tem que fazer um excelente trabalho. Ótimo, procuro fazer da melhor forma possível, mas o que eu quero é uma contrapartida, não quero ser um mero executor quero poder planejar junto, adequar o projeto a realidade da escola.

O professor neste momento deixa de ser um educador e se transforma num simples servidor público, um executor de técnicas que deve cumprir tarefas pré-estabelecidas. Rubem Alves no texto Sobre Jequitibás e Eucaliptos – Amar fala dessa diferenciação entre ser educador e ser professor:

Mas professores são habitantes de um mundo diferente, onde o “educador” pouco importa, pois o que interessa é um “credito” cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, sendo que, para fins institucionais, nenhuma diferença faz aquele que a ministra. Por isto mesmo professores são entidades “descartáveis”, da mesma forma como há canetas descartáveis, coadores de papel descartáveis, copinhos plásticos de café descartáveis.

De educadores para professores realizamos o salto da pessoa para funções. (ALVES, 1980, Pag. 13).

Infelizmente a técnica pedagógica é mais importante que a paixão por ensinar e os professores deixam de serem educadores para se transformar em executores de coisas que não estão nem tão esclarecidas para eles próprios, como então ainda repassar isto aos alunos:

Educar,

Ajudar,

Facilitar,

Compreender,

Despertar,

Investigar,



## *Cirandas: rotas de investigação desde a escola*

Indagar,  
Propor,  
Proporcionar,  
Que meu aluno tenha interesse por estudar,  
Mas acima de tudo,  
Respeitar,  
Seus limites,  
Seu tempo,  
Suas necessidades e,  
Sua curiosidade,  
Para que ao final,  
Ele possa encontrar  
Paixão em,  
Aprender e realizar.

### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora Todos estes fatos acima citados por um lado me entristeça por outro são desafiadores, não consigo ver as coisas acontecerem e ficar apática a realidade. Quero construir junto, quero participar, contribuir da melhor forma possível para que as mudanças ocorram sim, pois claro, que no contexto atual são mais que necessárias, mas quero que meu trabalho e de meus colegas seja respeitado que possamos ter poder de decisão, que as coisas não sejam impostas e que as mudanças não sejam somente plano de governo. Acredito sinceramente que este fato nos últimos anos e o que mais tem prejudicado a educação.

Em doze anos de magistério já passei por várias formações para atualização e transformação da educação e isto cansa, pois você se dedica acredita, estuda participa e depois não dá em nada, muda o governo muda tudo e quem perde é primeiro o educando que não recebe uma formação de qualidade e depois o próprio professor que deixa de sonhar e acaba se tornando mais um número, um simples funcionário público.

Percebo que hoje as disciplinas não dialogam, não trocam informações, que os alunos não percebem a aplicabilidade dos conteúdos estudados, isto ocorreu, segundo Morin pela superespecialização:



## *Cirandas: rotas de investigação desde a escola*

Assim, os desenvolvimentos disciplinares das ciências não só trouxeram as vantagens da divisão do trabalho, mas também os inconvenientes da superespecialização, do confinamento e do despedaçamento do saber. Não só produziram o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira. (MORIN, 2003, pag. 15).

Acredito que a disciplina de Seminário Integrado poderá auxiliar na aproximação dos conhecimentos adquiridos dependendo da forma que for trabalhada, mas para que isto ocorra será necessário muito diálogo entre os articuladores desta transformação educacional e o supervisor é quem faz esta mediação:

Os supervisores posicionam-se como se fossem as “dobradiças” entre as instâncias centrais de governo educativo e as instituições. E é neste cruzamento onde se conforma um espaço estratégico no qual se colocam em jogo aspectos vinculados tanto ao desempenho profissional da tarefa como elementos relacionados com seu caráter de funcionários do estado. (FELDFEBER, at AL. 2007, pag.154).

A função do supervisor educacional se torna muito importante neste momento, pois além de ser o representante do sistema dentro das escolas é função dele estimular e auxiliar o professor:

A despeito das dificuldades conceituais, é importante estabelecer o significado último do trabalho de supervisão, qual seja oferecer orientação e assistência aos professores nas dificuldades que enfrentam no seu cotidiano escolar, mantendo com eles um relacionamento próximo num ambiente de colaboração e respeito mútuo. (ALONSO, 2007, pag. 171).

Percebemos a importância da supervisão neste processo de mudanças, pois é ela quem articula os momentos de estudo e planejamento das atividades. Sem uma supervisão mobilizada, organizada e estimuladora não há como viabilizarmos tantas mudanças educacionais, pois é através destes momentos de troca e estudos que conseguimos sanar nossas dúvidas e planejarmos as ações a serem desenvolvidas.

Também é importante o momento de diálogo entre as escolas proporcionado por cursos, pois podemos trocar ideias e observar se as dúvidas e os questionamentos são os mesmos. A estrada a ser percorrida é longa, mas o desejo de acertar e educar da melhor forma são maiores.

## **5 REFERÊNCIAS**

ALONSO, Myrtes. **A Supervisão e o desenvolvimento profissional do professor**. In FERREIRA, Naura Sirya Carapeto. (org.) **Supervisão Educacional para uma Escola de Qualidade**. São Paulo, Cortez Editora, 2007.

ALVES, Rubem. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR Dpaschoal, 2004.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo, Cortez Editora Autores Associados, 1980. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo



## *Cirandas: rotas de investigação desde a escola*

BRASIL, “Lei nº9. 394, de 20.12.96, Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional”, In: SAVIANI, Demerval. **A Nova Lei da Educação. Trajetória, Limites e Perspectiva**. São Paulo: Editora Autores Associados, 1997.

FELDFEBER, Myriam. et al. **Os Supervisores: sujeitos-chave num processo de mudança? Reflexões sobre o caso argentino**. In FERREIRA, Naura Sirya Carapeto. (org.) **Supervisão Educacional para uma Escola de Qualidade**. São Paulo, Cortez Editora, 2007.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita repensar a reforma reformar o pensamento**. Rio de janeiro, BERTRAND BRASIL, 2003.